

## MACHADO DE ASSIS E SEU MÉTODO CRÍTICO

Adriana Dusilek<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o conjunto da crítica literária machadiana, detendo-se em seu aspecto metodológico. Para esse fim, serão analisadas as críticas produzidas sistematicamente entre 1858 e 1879, relacionadas com o contexto da crítica contemporânea a Machado e com as leituras deste. Além disso, será considerado como se deu a troca definitiva da crítica sistemática para o romance sistematizado criticamente.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; crítica literária; literatura brasileira; metodologia.

### ABSTRACT

The objective of this work is to reflect about the set of Machadiana literary criticism, focusing on its methodological aspects. For this objective, produced criticism between 1858 and 1879 will be systematically analyzed, related to the context of the contemporary criticism to Machado and with his readings. Besides, it will be considered how the definite change of the systematic criticism for the critically systematized novel was established.

**Keywords:** Machado de Assis; literary criticism; Brazilian literature; methodological aspects.

Uma das chaves para se entender o amadurecimento estilístico da obra de Joaquim Maria Machado de Assis é o estudo de sua crítica literária. Nela observa-se sua ostensiva preocupação com o aperfeiçoamento da obra. Sempre pregando o estudo e a reflexão, seguiu o conselho dado ao poeta Lúcio de Mendonça (1854-1909): foi o “mais austero crítico de si mesmo”. (ASSIS, 1994, p.901)

Como é sabido, Machado escreveu crítica regularmente entre 1858 e 1879. A partir daí, passou a escrever mais prefácios e cartas, nas quais também fez crítica.

Quando Machado de Assis nasceu, em 1839, o Romantismo português estava em auge, com Almeida Garrett (1799-1854), Alexandre Herculano (1810-1877) e Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875). No Brasil, Gonçalves de Magalhães (1811-1882) publica a tragédia *Antônio José ou o Poeta e a Inquisição*, três anos depois de *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), considerado o marco do Romantismo no Brasil. Passados quinze anos, em 1854, ao publicar no *Periódico dos Pobres* sua

---

<sup>1</sup> Adriana Dusilek é doutoranda em Letras pela UNESP de Assis/SP. Atualmente trabalha como docente de Literatura Brasileira e Língua Portuguesa da FAP (Faculdade da Alta Paulista) de Tupã-SP.

primeira produção poética, Machado passará ao papel o fruto de suas leituras, as leituras dos escritores do Romantismo.

É interessante observar que, tempos depois, ao mesmo tempo que Machado, na ficção, ainda transpõe ao papel certas concepções românticas, na crítica, ao tratar do Romantismo, é para falar que sua época já acabou, e chama o movimento de “manto caduco”. Mas embora reconhecendo que a época do Romantismo acabara e que a literatura de então necessitava de “novas roupagens”, Machado de Assis não se seduziu perante o movimento realista. É que Machado sempre defendeu o equilíbrio. Por isso em 1863 reprovou Bernardino Pinheiro, autor de *Sombras e Luz*, pela *glorificação dos instintos* (ASSIS, 1938, 51); um dos pecados em que incorreria mais tarde Eça de Queirós, em *O Primo Basílio*, e contra o qual responderia, anos depois, como romancista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no incrível capítulo intitulado “O velho diálogo de Adão e Eva”.

Machado, que trabalharia muito bem a construção psicológica de seus personagens e o próprio ambiente, sem se apegar a descrições inúteis, cobra de Eça, grande escritor, a pintura do “principal”. Diz o crítico: “Ora, a substituição do principal pelo acessório, a ação transplantada dos caracteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, eis o que me pareceu incongruente e contrário às leis da arte”. (ASSIS, 1994, 912). Em 1866, ao analisar *O culto do dever*, de Joaquim Manuel de Macedo, já escrevera: “Se a missão do romancista fosse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era uma coisa inútil; a memória substituiria a imaginação” (ASSIS, 1994, 844).

Aproveitar o que é bom e eliminar o que não presta. É uma mensagem simples, mas que muitos escritores não souberam colocar em prática. Tendiam para ao excesso: “Não peço, decerto, os estafados retratos do romantismo decadente; pelo contrário, alguma coisa há no realismo que pode ser colhido em proveito da imaginação e da arte. Mas sair de um excesso para cair em outro, não é regenerar nada: é trocar o agente da corrupção”(ASSIS, 1994, 912). Ao contrário de Eça, Guilherme Malta é elogiado por não constituir um “imitador servil”. É nesse momento que Machado distingue, acertadamente, imitação de influência:

É justo dizer que uma ou outra vez, mas sobretudo nos dois poemas e nos fragmentos de poema que ocupa o primeiro volume, há manifesta influência de Espronceda e Musset. Influência digo, e não servil imitação, porque o poeta o é de veras, e a feição própria, não só se lhe não demudou ao bafejo dos ventos de além mar, mas até se pode dizer que adquiriu realce e vigor. O imitador servil copiaria os contornos do modelo; não passaria daí, como fazem os macaqueadores de Victor Hugo, que julgam ter entrado na família do poeta, só com lhe reproduzir a antítese e a pompa da versificação. O discípulo é outra coisa: embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espírito o espírito do modelo. (ASSIS, 1938, p.123-4)

Machado de Assis sabia que não havia obra “completamente original”, pois que o escritor também se faz pelas suas leituras; tanto é assim que recomendava que se lesse os bons autores. Mas sabia ainda que o leitor poderia se livrar das influências recebidas e dar novas roupagens a temas velhos. Tal tentativa de se livrar das influências recebidas será, segundo Harold Bloom (1931-), crítico norte-americano da atualidade, um peso, uma angústia, a “angústia da influência”. (BLOOM, 1991).

Assim, diferentemente dos vermes de *Dom Casmuro*, que não escolhem, nem amam ou detestam o que roem, mas simplesmente roem, o crítico Machado defende o roer seletivo. Isso em relação ao autor, ao leitor e ao próprio crítico. Esse roer seletivo, quando feito pelo próprio Machado, será classificado como um processo de hibridação, na tese de doutorado de Stélio Furlan, intitulada *Seduções e desencantos. Machado de Assis: um crítico do século XIX*. (FURLAN, 2001).

A visão equilibrada que Machado de Assis possuía com relação às escolas literárias está, conseqüentemente, em sua idéia de que era preciso unir tradição e originalidade, com o fim de renovar a arte. É o que escreveria, anos mais tarde, o escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986): “As emoções que a literatura suscita são quiçá eternas, mas os meios devem variar constantemente, pelo menos de um modo levíssimo, para não perder sua virtude. Desgastam-se à medida que o leitor os reconhece”. (BORGES, 1985)

Conforme escreveu Alceu Amoroso Lima, Machado

Não pugnava nem pelo Impressionismo, à maneira de Lemaitre, nem pelo Determinismo crítico, à maneira de Taine, que iria mais tarde florescer por aqui. O crítico era para ele um magistrado. Era um dos poderes na República das Letras. Para Machado o Poder Legislativo, nessa República, era representado pelos Clássicos, pela Tradição, pelas “leis poéticas”, pela Gramática. O Poder Executivo eram os autores, em prosa ou verso. E o Poder Judiciário, os críticos. Da harmonia desses três poderes, não explícitos mas implícitos na estética do Mestre, derivavam a paz e o progresso das letras. (ASSIS, 1994, p.794).

Já para José Aderaldo Castello, a qualidade predominante da crítica machadiana é o “impressionismo, mas impressionismo orientado pelo bom gosto, coerência, justeza, considerável leitura”. (CASTELLO, 1952, p.99)

Com efeito, embora Machado nos apresente análises que de modo algum são impressionistas, como “A nova geração”, “Instinto de Nacionalidade”, sobre *O Primo Basílio*, *O culto do dever* e outras, em outros momentos ele é evasivo e retórico. Isso é especialmente visível nas críticas sobre livros de escritores jovens e em que há mais senões que louvores a serem apontados. Mas aí é preciso lembrar que na maioria das vezes em que escreve sobre outros autores não tem outro objetivo a não ser

fazer uma revista bibliográfica. Como ele próprio escreveu na Semana Literária de 9 de janeiro de 1866: “Assim que, estas semanas literárias não passam de revistas bibliográficas, seguramente que nos não limitaremos a noticiar livros, sem exame, sem estudo; mas daí a exercer influência no gosto, e a pôr em ação os elementos da arte, vai uma distância infinita”.

Dessa forma, ao longo de sua crítica, Machado conseguiu exercer, muitas vezes, as qualidades idealizadas no ensaio “O ideal do crítico”, como a sinceridade, a urbanidade, a tolerância, a ciência e a consciência. Dependendo do objetivo do crítico, suas análises eram ou não impressionistas.

Machado não foi um crítico sem defeitos, mas o que nele sobressai é o valor que dá ao estudo e à originalidade, à reflexão e à revisão da obra, ao aperfeiçoamento do artista, que não deve confiar em sistemas. Faz uma crítica estética, não supervaloriza o conteúdo, embora algumas vezes censure cenas que afrontem à moral. Mas aqui também o que condena é o excesso e a abordagem; prefere as “meias tintas” ao “escarlate”, pois, para ele, o escritor sempre deve calar alguma coisa.

Machado de Assis postulava uma visão acentuadamente crítica para todo o processo criativo, em que entram o autor, a obra e o leitor.

Ao autor, sugere o uso seletivo dos modelos, bem como consciência criadora.

Quanto à obra, concebe-a como uma criação tão imaginativa, quanto auto-crítica, em função do contexto, ou da realidade literária vigente.

Ao leitor, propõe uma leitura reflexiva e participante.

Machado de Assis tinha, portanto, todas as condições para ser o maior crítico literário brasileiro do século XIX, mas não o foi porque não quis, porque o seu gênio criador falou mais alto que sua verve crítica, o qual não foi abandonada de todo, mas, conforme escreveu Valentim Facioli, “passou a realizá-la internamente em sua própria obra”. (BOSI, 1982, p.70)

Assim, foi por consciente opção que Machado de Assis concentrou-se no criativo gênero da ficção. Na tarefa diária de cronista, apurou sua prosa; no estudo dos grandes escritores e na leitura dos contemporâneos adquiriu sabedoria, e, aos poucos, se descobriu um talento imaginoso, genial. “Quem sabe se eu não tinha o bacilo do gênio”, escreveria, numa de suas crônicas. Dessa forma, sempre interessado nas questões de literatura e crítica, mas ao mesmo tempo vendo-se cada vez mais rico de idéias e feliz nas produções ficcionais, fundiu o crítico no criador, como observou Alceu Amoroso Lima. E viu que isso era bom.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra Completa*. Volume 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.
- BLOOM, H. *A angústia da influência*. Uma teoria da poesia. Trad. A. Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BORGES, Jorge Luís. *Sete Noites*. 3.ed. São Paulo: Max Limonad, 1985.
- BOSI, A. Et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- CASTELLO, J.A. “Ideário crítico de Machado de Assis” (Breve contribuição para o estudo da obra). In: *Revista de História*, São Paulo, 11, jul-set., 1952.
- FURLAN, Stélio. *Seduções e desencantos. Machado de Assis: um crítico do século XIX*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- LIMA, Alceu Amoroso. Machado de Assis, o crítico. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra Completa*. Volume 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.